

Várias Histórias

Roteiro de Leitura
Andrea Rios de Moraes

Machado de Assis

AS VÁRIAS HISTÓRIAS DE MACHADO DE ASSIS

NOTAS BIOGRÁFICAS

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839, no Rio de Janeiro, e lá faleceu em 1908. Ele é considerado um dos maiores escritores brasileiros pelo estilo sóbrio que apresenta, pelo classicismo moderado, pelas frases curtas e bem construídas, pelos pensamentos irônicos e pelo pessimismo tranqüilo.

Exerceu desde a tipografia à Direção Geral da Secretaria da Viação; foi fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Machado seguiu o gosto da época, o romantismo, mas sem incidir nos exageros e nas falhas de muitos autores de seu tempo. Após algumas experiências na literatura dramática, publicou o primeiro livro de contos em 1870 - *Contos Fluminenses*. Em seguida, os romances *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1875), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), que representam um momento de experiência, no qual já se delineiam qualidades excepcionais – os tipos têm grande consistência humana e o autor já lhes penetra a alma como psicólogo.

Em 1881, abandonou definitivamente as fórmulas românticas da ficção e, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, inaugurou o Realismo Brasileiro. Em *Quincas Borba*, de 1891, deu prosseguimento às análises psicológicas, cuja culminância acontece em *Dom Casmurro*, publicado pela primeira vez em 1899. *O Memorial de Aires*, escrito em 1908, foi seu último romance. Trata-se de uma obra de grande delicadeza de tons, considerada por muitos críticos até a obra máxima do autor.

Machado de Assis foi igualmente grande como contista; publicou *Histórias da Meia-Noite* (1873), *Várias Histórias* (1895), *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Relíquias de Casa Velha* (1906) etc. Tais obras reúnem contos escritos para revistas e jornais da época e apresentam uma evolução semelhante à dos romances.

VÁRIAS HISTÓRIAS

Várias Histórias é composto por dezesseis contos. As paráfrases abaixo seguem com o máximo de fidelidade as idéias do original, contudo pretendem apenas despertar no leitor o ímpeto de mergulhar no mundo machadiano ‘cantarolando uma barcarola’. É digna de nota a advertência de Machado, que abre o livro:

As várias histórias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público. As palavras de Diderot que vão por epígrafe servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Merimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América. O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos.

A CARTOMANTE

Casada com Vilela, Rita apaixonou-se pelo melhor amigo do marido, Camilo. O casal vive um romance às escondidas, ainda que ambos recebam constantemente bilhetes ameaçadores de anônimos que desaprovam o adultério. Rita, insegura quanto aos sentimentos do amante, procura uma cartomante para saber se é correspondida; a velha a tranqüiliza e a envaidece. No trecho abaixo, a conversa que os amantes travam depois da visita de Rita à maga:

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— *Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...*

— *Errou! interrompeu Camilo, rindo.*

— *Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...*

Certo dia, Camilo recebe outro bilhete. Desta vez, era o próprio Vilela que solicitava, urgentemente, a presença do amigo em sua casa. O jovem, ressabiado e inquieto, consulta-se com a mesma vidente, que também o tranqüiliza ao dizer que Vilela nada sabe quanto ao romance.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— *Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...*

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— *E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma cousa ou não...*

— *A mim e a ela, explicou vivamente ele.*

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— *As cartas dizem-me...*

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita. . . Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— *A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.*

Esta levantou-se, rindo.

— *Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...*

Ao chegar à casa do amigo, Camilo constata que a cartomante havia mentido: “ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.”

ENTRE SANTOS

É a descrição da extraordinária experiência vivida por um velho capelão em sua igreja: presenciou a conversa entre vários santos na sacristia. A princípio, pensou tratar-se de cochichadas de defunto, afinal naquele tempo os cadáveres eram sepultados em igrejas. Não. Eram S. José, S. Miguel, S. João, S. Francisco de Sales e S. Francisco de Paula que trocavam confidências acerca das orações e implorações daquele dia.

*Compreendi, no fim de alguns instantes, que eles inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. Cada um notava alguma coisa. Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escarpelam um cadáver. S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se às vezes enfadados e absolutos. Não era assim S. Francisco de Sales; esse ouvia ou contava as coisas com a mesma indulgência que presidira ao seu famoso livro da **Introdução à Vida Devota**.*

Era assim, segundo o temperamento de cada um, que eles iam narrando e comentando. Tinham já contado casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação e versatilidade; os dois ascetas estavam mais e mais anojados, mas S. Francisco de Sales recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, significando assim que nem todos os que ali iam à igreja levavam o coração puro.

S. José falou de uma adúltera que o havia procurado, pedindo-lhe que limpasse seu coração da “lepra da luxúria”, mas, enquanto rezava, a mulher rememorava os primeiros deleites com o amante e acabou saindo sem nada pedir. O caso mais interessante foi relatado por S. Francisco de Sales. Veio pedir-lhe um milagre um homem de cinqüenta anos, cuja esposa padecia de erisipela (doença infecciosa contagiosa que atinge pele e plano subcutâneo, e se caracteriza por rubor e tumefação). O homem era conhecido por sua avareza, a ponto de enterrar uma escrava como livre e indigente para não arcar com as despesas do sepultamento. Muito econômico, nem as palavras de súplica lhe saíam da boca, não sabia negociar com palavras. Tentou prometer ao santo uma perna de cera. Desistiu, porque a oferenda era cara demais. Em sua cabeça só havia números: “trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre nossos e mil ave-marias.” Tantos algarismos encheram a igreja e, só assim, em números, as palavras começaram a sair, sem nenhum esforço, confiantes e impetuosas.

UNS BRAÇOS

Inácio, um jovem tímido de quinze anos, sente-se atraído pelos braços nus de D. Severina, esposa de seu ríspido patrão. Morava com o casal havia cinco semanas e seu único passatempo naquela casa, distante da família e dos carinhos da mãe, era apreciar os braços que saíam meio palmo abaixo do ombro de D. Severina:

Usava mangas curtas em todos os vestidos de casa, meio palmo abaixo do ombro; dali em diante ficavam-lhe os braços à mostra. Na verdade, eram belos e cheios, em harmonia com a dona, que era antes grossa que fina, e não perdiam a cor nem a maciez por viverem ao ar; mas é justo explicar que ela os não trazia assim por faceira, senão porque já gastara todos os vestidos de mangas compridas. De pé, era muito vistosa; andando, tinha meneios engraçados; ele, entretanto, quase que só a via à mesa, onde, além dos braços, mal poderia mirar-lhe o busto. Não se pode dizer que era bonita; mas também não era feia. Nenhum adorno; o próprio penteado consta de mui pouco; alisou os cabelos, apanhou-os, atou-os e fixou-os no alto da cabeça com o pente de tartaruga que a mãe lhe deixou. Ao pescoço, um lenço escuro, nas orelhas, nada. Tudo isso com vinte e sete anos floridos e sólidos.

Pensava neles o dia inteiro; também pensava em fugir aos gritos e ofensas do patrão e nunca mais voltar. Não conseguia. Encontrava-se agarrado e acorrentado aos braços da senhora. Desconfiada dos desejos de Inácio, D. Severina começa a vê-lo com outros olhos; demonstra preocupação e zelo com a vida do rapaz. Num domingo, enquanto dorme na rede do quarto, o garoto sonha com a dona dos braços encantadores beijando-lhe os lábios, o que de fato ela havia feito enquanto ele dormia:

Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela. A diferença é que a visão não recuou, e a pessoa real tão depressa cumprira o gesto, como fugiu até à porta, vexada e medrosa. Dali passou à sala da frente, aturdida do que fizera, sem olhar fixamente para nada. Afiava o ouvido, ia até o fim do corredor; a ver se escutava algum rumor que lhe dissesse que ele acordara, e só depois de muito tempo é que o medo foi passando. Na verdade, a criança tinha o sono duro; nada lhe abria os olhos, nem os fracassos contíguos, nem os beijos de verdade. Mas, se o medo foi passando, o vexame ficou e cresceu. D. Severina não acabava de crer que fizesse aquilo; parece que embrulhara os seus desejos na idéia de que era uma criança namorada que ali estava sem consciência nem imputação; e, meia mãe, meia amiga, inclinara-se e beijara-o. Fosse como fosse, estava confusa, irritada, aborrecida, mal consigo e mal com ele. O medo de que ele podia estar fingindo que dormia apontou-lhe na alma e deu-lhe um calefrio.

Para o jovem, a sensação fora tão verdadeira que ele não sabia se o fato realmente acontecera ou fora apenas um devaneio. Na semana seguinte, o patrão lhe dispensou do ofício.

UM HOMEM CÉLEBRE

Pestana, um famoso compositor de polcas – música alegre composta para dança em dupla, muito em voga no século XIX – considera-se um fracassado por não conseguir compor uma obra clássica. Nem mesmo as fotografias dos grandes mestres – Mozart, Beethoven, Bach e Schumann – na parede de sua casa lhe inspiram tal empreitada. Já as polcas saem-lhe naturalmente do piano e garantem a Pestana uma popularidade invejável entre os compositores daquele gênero.

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discípulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene. Em pouco tempo estava a polca feita. Corrigiu ainda alguns pontos, quando voltou para jantar: mas já a cantarolava, andando, na rua. Gostou dela; na composição recente e inédita circulava o sangue da paternidade e da vocação. Dois dias depois, foi levá-la ao editor das outras polcas suas, que andariam já por umas trinta. O editor achou-a linda.

Após a morte da esposa, com quem se casara à busca de inspiração, o compositor decide dedicar-se à composição de um *requiem*, composição clássica tocada durante a liturgia católica, em homenagem aos mortos. : “empregou tudo, arrojo, paciência, meditação, e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. (...) Ora a achava incompleta, não lhe sentia alma sacra (...) oito meses, nove, dez, onze, e o *requiem* não estava concluído...”. Nunca o concluiria, carcomido pela humilhação de não ser talentoso para publicar uma obra à altura dos grandes compositores.

A DESEJADA DAS GENTES

Durante conversa, um conselheiro confia ao amigo o grande romance que viveu na juventude ao lado de uma mulher chamada Quintília. Esta mulher era conhecida pela beleza, meiguice e legião de admiradores que atraía. O conselheiro diz que se aproximou daquela que seria sua amada graças a uma

aposta feita com um companheiro. Ambos sabiam que não tinham chances, dado o número de pretendentes dispensados. Ainda assim Quintília e o conselheiro tornaram-se amigos; consolaram-se muitas vezes; viam um no outro a própria metade; tinham uma cumplicidade permitida apenas aos grandes amantes. Faltava-lhes apenas oficializar a união já tão consolidada. Mas não. Quintília questionava o porquê de um casamento. Melhor seria continuarem amigos:

— Quintília adivinhara, pelo transtorno do meu rosto, o que lhe ia pedir, e deixou-me falar para preparar a resposta. A resposta foi interrogativa e negativa. Casar para quê? Era melhor que ficássemos amigos como dantes. Respondi-lhe que a amizade era, em mim, desde muito, a simples sentinela do amor; não podendo mais contê-lo, deixou que ele saísse. Quintília sorriu da metáfora, o que me doe, e sem razão; ela, vendo o efeito, fez-se outra vez séria e tratou de persuadir-me de que era melhor não casar. — Estou velha, disse ela; vou em trinta e três anos. — Mas se eu a amo assim mesmo, repliquei, e disse-lhe uma porção de cousas, que não poderia repetir agora. Quintília refletiu um instante; depois insistiu nas relações de amizade; disse que, posto que mais moço que ela, tinha a gravidade de um homem mais velho e inspirava-lhe confiança como nenhum outro. Desesperado, dei algumas passadas, depois sentei-me outra vez e narrei-lhe tudo. Ao saber da minha briga com o amigo e companheiro da academia, e a separação em que ficamos, sentiu-se, não sei se diga, magoada ou irritada. Censurou-nos a ambos, não valia a pena que chegássemos a tal ponto. — A senhora diz isso porque não sente a mesma coisa. — Mas então é um delírio? — Creio que sim; o que lhe afianço é que ainda agora, se fosse necessário, separar-me-ia dele uma e cem vezes; e creio poder afirmar-lhe que ele faria a mesma coisa. Aqui olhou ela espantada para mim, como se olha para uma pessoa cujas faculdades parecem transtornadas; depois abanou a cabeça, e repetiu que fora um erro; não valia a pena. — Fiquemos amigos, disse-me, estendendo a mão. — É impossível; pede-me coisa superior às minhas forças, nunca poderei ver na senhora uma simples amiga; não desejo impor-lhe nada; dir-lhe-ei até que nem mais insisto, porque não aceitaria outra resposta agora. Trocamos ainda algumas palavras, e retirei-me... Veja a minha mão.

Quintília prometeu jamais casar-se. Indignado, o conselheiro deixa a cidade por alguns dias. Quando retorna, vai ter com a amada, que agora padecia de uma doença na coluna. Moribunda, Quintília resolve casar-se com ele. O matrimônio dura até a morte da esposa: dois dias.

A CAUSA SECRETA

Dois homens, Garcia (estudante de medicina) e Fortunato, se conhecem de vista e se tornam amigos após socorrerem um ferido. Desde então, Garcia ficara impressionado com as raras qualidades de enfermeiro do amigo. Fortunato sugere que ambos abram uma casa de saúde. A princípio, o médico hesita, depois considera um bom negócio e aceita a empreitada. Aberta a casa, arrepende-se: Fortunato não curou mais ninguém, pois era o próprio Garcia quem cuidava de tudo – examinava doentes, ordenava os enfermeiros, fazia as compras. Logo percebeu que a dedicação àquele ferido no dia em que se conheceram não passara de um infortúnio, cuja verdadeira intenção somente Maria Luisa, a esposa de Fortunato, conhecia: o prazer que tinha o esposo em apreciar o sofrimento alheio:

Dois dias depois, — exatamente o dia em que os vemos agora, — Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

— Que é? perguntou-lhe.

— O rato! O rato! exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levara um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

— Mate-o logo! disse-lhe.

— Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas,

Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

“Castiga sem raiva”, pensou o médico, “pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem”.

Garcia apaixonou-se por Maria Luisa, que adoece e, pouco a pouco, é devorada por uma febre. Seu definhamento é ininterruptamente acompanhado pelo marido. A mulher morre. Enquanto Garcia lamenta a ausência da amada, beijando-a em soluços: “Fortunato, à porta, onde ficara, (saboreia) tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.”

TRIO EM LÁ MENOR

O conto é dividido em quatro partes intituladas por ritmos clássicos: *Adágio cantabile* (andamento musical cantável vagaroso), *Allegro ma non troppo* (Andamento mais ágil que o *cantabile*), *Allegro appassionato* (andamento rápido num tom apaixonado) e *Minueto* (sonata caracterizada pela delicadeza de seus movimentos). A dama desta história é Maria Regina, uma jovem que mora com a avó e sente-se atraída por dois homens: Maciel, de vinte e sete anos, simpático e bonito, e Miranda, um senhor austero de cinqüenta anos. Ambos também nutrem uma paixão pela jovem. Tentam ser gentis e cordiais a fim de merecer o coração de Maria Regina. Maciel comete um ato heróico: joga-se na frente da carruagem que levava Maria Regina e a avó, impedindo, assim, que um menino fosse atropelado. Ganhou prestígio e atenção. Miranda era um homem sério, espirituoso e inteligente; estudava direito, mas sua vocação era a música.

Maria Regina ia descambando da admiração ao fastio; agarrava-se aqui e ali, contemplava a figura moça do Maciel, recordava a bela ação daquele dia, mas ia sempre escorregando; o fastio não tardava a absorvê-la. Não havia remédio. Então recorreu a um singular expediente. Tratou de combinar os dous homens, o presente com o ausente, olhando para um, e escutando o outro de memória; recurso violento e doloroso, mas tão eficaz, que ela pôde contemplar por algum tempo uma criatura perfeita e única.

Nisto apareceu o outro, o próprio Miranda. Os dois homens cumprimentaram-se friamente; Maciel demorou-se ainda uns dez minutos e saiu.

Miranda ficou. Era alto e seco, fisionomia dura e gelada. Tinha o rosto cansado, os cinqüenta anos confessavam-se tais, nos cabelos grisalhos, nas rugas e na pele. Só os olhos continham alguma coisa menos caduca. Eram pequenos, e escondiam-se por baixo da vasta arcada do sobrolho; mas lá, ao fundo, quando não estavam pensativos, centelhavam de mocidade. A avó perguntou-lhe, logo que Maciel saiu, se já tinha notícia do acidente do Engenho Velho, e contou-lho com grandes encarecimentos, mas o outro ouvia tudo sem admiração nem inveja.

— *Não acha sublime? perguntou ela, no fim.*

— *Acho que ele salvou talvez a vida a um desalmado que algum dia, sem o conhecer, pode meter-lhe uma faca na barriga.*

— *Oh! protestou a avó.*

— *Ou mesmo conhecendo, emendou ele.*

— *Não seja mau, acudiu Maria Regina; o senhor era bem capaz de fazer o mesmo, se ali estivesse.*

Miranda sorriu de um modo sardônico. O riso acentuou-lhe a dureza da fisionomia. Egoísta e mau, este Miranda primava por um lado único: espiritualmente, era completo. Maria Regina achava nele o tradutor maravilhoso e fiel de uma porção de idéias que lutavam dentro dela, vagamente, sem forma ou expressão. Era engenhoso e fino e até profundo, tudo sem pedantice, e sem meter-se por matos cerrados, antes quase sempre na planície das conversações ordinárias; tão certo é que as cousas valem pelas idéias que nos sugerem. Tinham ambos os mesmos gostos artísticos; Miranda estudara direito para obedecer ao pai; a sua vocação era a música. (...)

— *Vovó, disse ela, agora há de ter paciência...*

Miranda aproximou-se do piano. Ao pé das arandelas, a cabeça dele mostrava toda a fadiga dos anos, ao passo que a expressão da fisionomia era muito mais de pedra e fel. Maria Regina notou a graduação, e tocava sem olhar para ele; difícil cousa, porque, se ele falava, as palavras entravam-lhe tanto pela alma, que a moça insensivelmente levantava os olhos, e dava logo com um velho ruim. Então é que se lembrava do Maciel, dos seus anos em flor, da fisionomia franca, meiga e boa, e afinal da ação daquele dia. Comparação tão cruel para o Miranda, como fora para o Maciel o cotejo dos seus espíritos. E a moça recorreu ao mesmo expediente. Completou um pelo outro; escutava a este com o pensamento naquele; e a música ia ajudando a ficção, indecisa a princípio, mas logo viva e acabada. Assim Titânia, ouvindo namorada a cantiga do tecelão, admirava-lhe as belas formas, sem advertir que a cabeça era de burro.

A jovem apreciava de longe os dois homens, não conseguia escolher um só porque nenhum deles, sozinho, reunia a perfeição que ela desejava. Os dois tinham qualidades que se completavam e defeitos que se anulavam. Eram como “estrelas duplas”, sobre as quais lera numa notícia de jornal, que parecem um só astro. Maria Regina continuou indecisa ao longo de dias e meses. Pouco a pouco, ela vê seus dois amados se afastarem. Para o narrador, tudo morre, até a esperança.

ADÃO E EVA

Enquanto saboreia um doce, um grupo de amigos discute se a curiosidade é feminina ou masculina. Tal questão os faz lembrar a história de Adão e Eva. Ao ser consultado, um juiz-de-fora, Sr. Veloso, verifica que as coisas no paraíso aconteceram de maneira diversa daquela contada no primeiro livro do Pentateuco. Curiosos, todos o incitam a contar a “verdadeira” versão. De início, Sr. Veloso esclarece que não foi Deus quem criou o mundo, mas o Diabo, ou melhor, o Tinhoso. Deus deixou-lhe as mãos livres e cuidou somente de corrigir ou atenuar a obra. Assim, o primeiro criou as trevas, as tempestades, os furacões, os vegetais sem frutos, os abismos... e o segundo criou a luz, a brisa, as árvores frutíferas, o sol, a lua e as estrelas.

Veloso continuou dizendo que no sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Nem parou nisso a misericórdia divina; fez brotar um jardim de delícias, e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo. Um e outro caíram aos pés do Senhor, derramando lágrimas de gratidão. “Vivereis aqui”, disse-lhe o Senhor, “e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal.”

Adão e Eva ouviram submissos; e ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la. Agora, porém, embebiam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida. Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, a rir muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrelas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o sono e dormiam como dous anjos.

Também coube ao Tinhoso enviar ao casal uma serpente eloqüente, mas esta perdeu seu tempo: Adão e Eva não comem do fruto proibido, pois nada valia a perda do paraíso:

A serpente, mordida de inveja, ia chamar a peçonha à língua, mas advertiu que estava ali às ordens do Tinhoso, e, com a voz de mel, chamou-a. Eva estremeceu.

— *Quem me chama?*

— *Sou eu, estou comendo desta fruta...*

— *Desgraçada, é a árvore do Bem e do Mal!*

— *Justamente. Conheço agora tudo, a origem das coisas e o enigma da vida. Anda, come e terás um grande poder na terra.*

— *Não, pérfida!*

— *Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediência. Nem será só isso. Toda a natureza te fará bela e mais bela. Cores das folhas verdes, cores do céu azul, vivas ou pálidas, cores da noite, hão de refletir nos teus olhos. A mesma noite, de porfia com o sol, virá brincar nos teus cabelos. Os filhos do teu seio tecerão para ti as melhores vestiduras, comporão os mais finos aromas, e as aves te darão as suas plumas, e a terra as suas flores, tudo, tudo, tudo...*

Eva escutava impassível; Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva; nada valia a perda do paraíso, nem a ciência, nem o poder, nenhuma outra ilusão da terra. Dizendo isto, deram as mãos um ao outro, e deixaram a serpente, que saiu pressurosa para dar conta ao Tinhoso.

Todos à mesa sentem-se logrados, pois Sr. Veloso não contou uma história verossímil, tampouco respondeu à questão inicial. O juiz-de-fora, levando uma colher de doce à boca, conclui: “Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, (a anfitriã), se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce.”

O ENFERMEIRO

Um homem, à beira da morte, narra sua inesquecível experiência de enfermeiro vivida anos atrás. Aceitou de imediato uma proposta de trabalho para cuidar de um coronel cuja fama era assustadora: “homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. Gastava mais enfermeiros que remédios. A dous deles quebrou a cara.” Famoso também era o elenco de doenças das quais padecia – de reumatismo a aneurisma. Passados sete dias, o próprio enfermeiro sentiu na pele o martírio de seus predecessores. O coronel o cobria de injúrias e atirava-lhe a bengala - rabugices que fizeram o enfermeiro, muitas vezes, querer abandonar seu cargo. Mas pobre velho não o deixou partir. Certa noite, o enfermeiro pegou no sono e acordou com uma moringa arremessada pelo coronel. Irado, atirou-se ao doente e o esganou até a morte. Arrependeu-se e inventou que o velho acordara morto e dele não se separou até o enterro, afinal temia que desconfiassem de seu ato. De volta à corte, o enfermeiro foi tomado por uma comisseração de aflição e angústia. Sabia que o que fizera não era correto. Seu estado emocional se acentuou quando soube que o antigo patrão havia lhe deixado toda a fortuna como herança. De imediato, pensou em doar a fortuna: depois de tudo que acontecera, não era justo aceitar tal gratificação. Desistiu de tanta benevolência quando descobriu também que o coronel tinha sido muito mais cruel do que pregavam:

Assim por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio; era pior do que fazer-me esbirro alugado. Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma coisa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. Não era só escrúpulo; era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas.

Preparei-me e segui para a vila. Em caminho, à proporção que me ia aproximando, recordava o triste sucesso; as cercanias da vila tinham um aspecto de tragédia, e a sombra do coronel parecia-me surgir de cada lado. A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime...

Crime ou luta? Realmente, foi uma luta, em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa idéia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da moléstia, que o tornava assim rabugento e até mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O pior foi a fatalidade daquela noite... Considerei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; ele

mesmo o sentia e dizia. Viveria quanto? Duas semanas, ou uma; pode ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida, se isto mesmo se podia chamar ao padecer contínuo do pobre homem... E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra cousa. Fixei-me também nessa idéia...

Perto da vila apertou-se-me o coração, e quis recuar; mas dominei-me e fui. Receberam-me com parabéns. O vigário disse-me as disposições do testamento, os legados pios, e de caminho ia louvando a mansidão cristã e o zelo com que eu servira ao coronel, que, apesar de áspero e duro, soube ser grato.

— Sem dúvida, dizia eu olhando para outra parte.

Estava atordoado. Toda a gente me elogiava a dedicação e a paciência. As primeiras necessidades do inventário detiveram-me algum tempo na vila. Constituí advogado; as cousas correram placidamente. Durante esse tempo, falava muita vez do coronel. Vinham contar-me cousas dele, mas sem a moderação do padre; eu defendia-o, apontava algumas virtudes, era austero...

— Qual austero! Já morreu, acabou; mas era o diabo.

E referiam-me casos duros, ações perversas, algumas extraordinárias. Quer que lhe diga? Eu, a princípio, ia ouvindo cheio de curiosidade; depois, entrou-me no coração um singular prazer, que eu sinceramente buscava expelir. E defendia o coronel, explicava-o, atribuía alguma coisa às rivalidades locais; confessava, sim, que era um pouco violento... Um pouco? Era uma cobra assanhada, interrompia-me o barbeiro; e todos, o coletor, o boticário, o escrivão, todos diziam a mesma coisa; e vinham outras anedotas, vinha toda a vida do defunto. Os velhos lembravam-se das crueldades dele, em menino. E o prazer íntimo, calado, insidioso, crescia dentro de mim, espécie de tênia moral, que por mais que a arrancasse aos pedaços recompunha-se logo e ia ficando.

As obrigações do inventário distraíram-me; e por outro lado a opinião da vila era tão contrária ao coronel, que a vista dos lugares foi perdendo para mim a feição tenebrosa que a princípio achei neles. Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação. Restringi o plano primitivo: distribuí alguma coisa aos pobres, dei à matriz da vila uns paramentos novos, fiz uma esmola à Santa Casa da Misericórdia, etc.: ao todo trinta e dous contos. Mande também levantar um túmulo ao coronel, todo de mármore, obra de um napolitano, que aqui esteve até 1866, e foi morrer, creio eu, no Paraguai.

As histórias que ouviu apaziguaram-lhe a alma. Lentamente, foi se sentindo justo, satisfeito com a ação de outrora.

O DIPLOMÁTICO

O diplomático desta história é Rangel, homem de quarenta anos, muito bem relacionado, calmo, de fala mansa e à procura de uma esposa. Num baile de São João, evento que acontece todos os anos na casa de João Viegas, escrivão de uma vara cível da corte e pai de Joaquina, aquela por quem Rangel encontra-se apaixonado, o diplomático traz consigo uma carta e espera de poder entregá-la à amada na primeira oportunidade. Mas esta ora é interrompida pelo acaso, ora não é percebida a tempo. E, finalmente, Rangel vê malogrados seus intentos quando chega também à festa Queirós, homem jovem e bonito, que atrai a atenção de todos os presentes e, pior, arrebatou o coração de Joaquina.

Queirós entrou em cheio no jogo. No fim de meia hora, estava familiar da casa. Todo ele era ação, falava com desembaraço, tinha os gestos naturais e espontâneos. Possuía um vasto repertório de castigos para jogo de prendas, coisa que encantou a toda a sociedade, e ninguém os dirigia melhor, com tanto movimento e animação, indo de um lado para outro, concertando os grupos, puxando cadeiras, falando às moças, como se houvesse brincado com elas em criança.

— *D. Joaquina aqui, nesta cadeira; D. Cesária, deste lado, em pé, e o Sr. Camilo entra por aquela porta... Assim, não: olhe, assim de maneira que...*

Teso na cadeira, o Rangel estava atônito. Donde vinha esse furacão? E o furacão ia soprando, levando os chapéus dos homens, e despenteando as moças, que riam de contentes: Queirós daqui, Queirós dali, Queirós de todos os lados. Rangel passou da estupefação à mortificação. Era o cetro que lhe caía das mãos. Não olhava para o outro, não se ria do que ele dizia, e respondia-lhe seco. Interiormente, mordia-se e mandava-o ao diabo, chamava-o bobo alegre, que fazia rir e agradava, porque nas noites de festa tudo é festa. Mas, repetindo essas e piores coisas, não chegava a reaver a liberdade de espírito. Padecia deveras, no mais íntimo do amor-próprio; e o pior é que o outro percebeu toda essa agitação, e o péssimo é que ele percebeu que era percebido.

Rangel, assim como sonhava os bens, assim também as vinganças. De cabeça, espatifou o Queirós; depois cogitou a possibilidade de um desastre qualquer, uma dor bastava, mas cousa forte, que levasse dali aquele intruso. Nenhuma dor, nada; o diabo parecia cada vez mais lépido, e toda a sala fascinada por ele. A própria Joaquina, tão acanhada, vibrava nas mãos de Queirós, como as outras moças; e todos, homens e mulheres, pareciam empenhados em servi-lo. Tendo ele falado em dançar, as moças foram ter com o tio Rufino, e pediram que tocasse uma quadrilha na flauta, uma só, não se lhe pedia mais.

— *Não posso, dói-me um calo.*

— *Flauta? bradou o Calisto. Peçam ao Queirós que nos toque alguma coisa, e verão o que é flauta... Vai buscar a flauta, Rufino. Ouçam o Queirós. Não imaginam como ele é saudosos na flauta!*

Seis meses depois, Rangel serviu de padrinho ao casamento de Queirós e Joaquina.

MARIANA

De volta ao Brasil após dezoito anos na Europa, Evaristo decide procurar Mariana, aquela que amava antes de deixar o país. Quando chega à casa, encontra tudo do mesmo jeito: os móveis, os objetos decorativos, inclusive um retrato de Mariana aos vinte e cinco anos. Sua memória volta no tempo e a mulher do quadro vem ter com ele momentos inesquecíveis; tocaram-se, fazem promessas de amor. Por alguns instantes, Evaristo sente o mesmo desespero da época em que estavam juntos — amante de uma mulher casada e, lamentavelmente, desconfiado de que ela ama o marido, apesar de lhe jurar o contrário. O empregado da casa interrompe o *déjà vu* para conduzi-lo ao recinto onde estão Mariana e Xavier, o marido agora doente. A mulher estava desconsolada ao ver marido moribundo e pouco deu atenção a Evaristo. Xavier falece. Após semanas, Evaristo encontra Mariana na rua, que não o reconhece, ou finge desconhecê-lo. Ele conclui, então, que o amor entre eles havia acabado e retorna a Paris, na esperança de assistir a uma promissora peça de teatro. Mas também a peça já havia saído de cartaz:

Não a encontrou em casa. Voltava zangado, mal consigo, achava-se impertinente e de mau gosto. A pouca distância viu sair da igreja do Espírito Santo uma senhora de luto, que lhe pareceu Mariana. Era Mariana; vinha a pé; ao passar pela carruagem olhou para ele, fez que o não conhecia, e foi andando, de modo que o cumprimento de Evaristo ficou sem resposta. Este ainda quis mandar parar o carro e despedir-se dela, ali mesmo, na rua, um minuto, três palavras; como, porém, hesitasse na resolução, só parou quando já havia passado a igreja, e Mariana ia um grande pedaço adiante. Apeou-se, não obstante, e desandou o caminho; mas, fosse respeito ou despeito, trocou de resolução, meteu-se no carro e partiu.

— *Três vezes sincera, concluiu, passados alguns minutos de reflexão.*

Antes de um mês estava em Paris. Não esquecera a comédia do amigo, a cuja primeira representação no Odéon ficara de assistir. Correu a saber dela; tinha caído redondamente.

— *Cousas de teatro, disse Evaristo ao autor, para consolá-lo. Há peças que caem. Há outras que ficam no repertório.*

CONTO DE ESCOLA

Pilar, um garoto de aproximadamente dez anos, narra sua primeira aula de corrupção, seguida de delação. Pouco assíduo às aulas da escola, certo dia resiste às “aulas da rua” e segue para a classe do professor Policarpo, famoso por sua rigidez e destreza com a palmatória. Durante a aula, Raimundo, o filho do professor, propõe a Pilar que lhe ensine um capítulo de sintaxe em troca de uma moedinha de prata. Pilar hesita, mas a sensação de possuir uma pequena fortuna era grande: acaba aceitando a troca. Contudo, ambos não contavam que Curvelo, também aluno daquela classe, assistira ao acordo e os denunciaria ao professor. Isso foi suficiente para Policarpo passar um sermão nos dois negociantes e os deixar de mãos inchadas, além de jogar a moedinha de prata pela janela. Na manhã seguinte, Pilar acorda decidido a chegar antes de todos à escola para ter a chance de encontrar a tal moeda. Mas o dia estava lindo e ele acaba encontrando um batalhão de fuzileiros marchando ao som de um tambor. Prefere segui-los:

*Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: **Rato na casaca**... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...*

UM APÓLOGO

Na casa de uma baronesa, um novelo de lã e uma agulha discutem quem tem mais importância. Tudo começa porque a agulha irrita-se com postura orgulhosa da linha ao dizer que ela, a agulha, é uma subalterna que mostra o caminho para a própria linha ir cosendo. Calam-se enquanto a costureira dá forma à melhor das sedas para vestir a baronesa num grande baile. Chegada a grande noite, a costureira leva a agulha; já a linha vai no corpo do vestido e logo retomam a discussão: “diga-me, quem vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.” A agulha fica muda. Consola-se com as palavras do não menos experiente alfinete:

— *Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.*

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

D. PAULA

Preocupada com a briga da sobrinha Venancinha com marido Conrado, D. Paula vai à casa do casal tentar apaziguar os ânimos. Encontra a sobrinha chorando e o marido já ausente. No escritório de Conrado, a tia fica sabendo o motivo da briga: a esposa estava se engraçando com um tal de Vasco Maria Portela. D. Paula leva um susto – pelo nome do sujeito só podia ser o filho de um homem pelo qual ela se apaixonara quando tinha a mesma idade de Venancinha. Decide levar a sobrinha para passar uns dias na Tijuca, até Conrado se acalmar e perdoar a esposa. Na casa da tia, Venancinha confia sua atração por Vasco, que “lhe falava respeitosamente, dizia-lhe cousas amigas, que ela era a mais bonita moça do Rio...”. Mas que ela não o amava; era de Conrado seu coração. Enquanto ouve, D. Paula revive os momentos de seu romance com Vasco Portela, o pai. Vinham-lhe à tona reminiscências; as palavras reproduzidas do filho fundiam-se com a imagem do pai, quando jovem, na cabeça da senhora.

A descoberta avivou o espírito do passado. D. Paula forcejou por sacudir fora essas memórias importunas; elas, porém, voltavam, ou de manso ou de assalto, como raparigas que eram, cantando, rindo, fazendo o diabo. D. Paula tornou aos seus bailes de outro tempo, às suas eternas valsas que faziam pasmar a toda a gente, às mazurcas, que ela metia à cara das sobrinha como sendo a mais graciosa coisa do mundo, e aos teatros, e às cartas, e vagamente, aos beijos; mas tudo isso — e esta é a situação — tudo isso era como as frias crônicas, esqueleto da história, sem a alma da história. Passava-se tudo na cabeça. D. Paula tentava emparelhar o coração com o cérebro, a ver se sentia alguma coisa além da pura repetição mental, mas, por mais que evocasse as comoções extintas, não lhe voltava nenhuma. Cousas truncadas!

Se ela conseguisse espiar para dentro do coração da sobrinha, pode ser que achasse ali a sua imagem, e então... Desde que esta idéia penetrou no espírito de D. Paula, complicou-lhe um pouco a obra de reparação e cura. Era sincera, tratava da alma da outra, queria vê-la restituída ao marido. Na constância do pecado é que se pode desejar que outros pequem também, para descer de companhia ao purgatório; mas aqui o pecado já não existia. D. Paula mostrava à sobrinha a superioridade do marido, as suas virtudes e assim também as paixões, que podiam dar um mau desfecho ao casamento, pior que trágico, o repúdio.

Assim, enquanto a sobrinha passava os dias em sua companhia, D. Paula pôde sentir os bons momentos de seu romance da juventude .

VIVER!

Ahasverus, o último dos humanos, sentado em uma rocha, fita o horizonte e começa a sonhar. A idéia de morrer parece-lhe deliciosa; viveu séculos – penitência divina por não ter tido piedade de Jesus e o ter empurrado colina abaixo quando este passou carregando a cruz. Agora que nenhum mortal mais vive, deseja, desesperadamente, conhecer a morte, enfim descansar. Surge Prometeu, que criou o primeiro dos homens e por eles roubou o fogo celestial; foi castigado por Júpiter a viver atado a uma rocha e ter seu fígado como alimento diário de uma águia. A figura mítica trava uma longa discussão com Ahasverus, que lhe relata sua jornada de vida e o motivo pelo qual deseja morrer:

Fatalidades do sangue e da carne, conflitos sem fim, tudo vi passar a meus olhos, a ponto que a noite me fez perder o gosto ao dia, e acabo não distinguindo as flores das urzes.

Quando Prometeu consegue convencê-lo de que realmente é o Deus da próxima geração de viventes, Ahasverus indigna-se:

Tu Prometeu, criador dos primeiros homens? (...) artífice do inferno (...) tu, origem dos males que me afligiram, e o ameaça: O céu deu-te o primeiro castigo; agora a terra vai dar-te o segundo e o derradeiro. Nem Hércules poderá romper estes ferros. (...) Chamarei a águia, e ela virá, dir-lhe-ei que o derradeiro homem, ao partir da vida, deixa-lhe um regalo dos deuses.

Prometeu anuncia que uma nova raça povoará a terra, feita dos melhores espíritos da raça extinta, e ele, Ahasverus, será seu rei. Foi o suficiente para perceber que o último dos homens, que vivera séculos e séculos, e da vida se dizia cansado, queria realmente mais uma chance de viver.

O CÔNEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO

Cônego Matias compunha um sermão quando lhe faltou um adjetivo. O narrador, consternado com a situação, sugere que subamos à cabeça do cônego e, assim, dá início à sua “memória psico-léxico-lógica”, pela qual afirma que as palavras têm sexo, amam-se, e do casamento entre elas surge o estilo do escritor. Começa, então, a investigação do cérebro eclesiástico. Nele, Sílvio e Sílvia procuram-se em meio a coisas velhas e novas, mesmo estando o cônego absorto em afazeres distintos da produção do texto em questão. “Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor nomeado e predestinado”. Enquanto isso, o narrador leva-nos da consciência à inconsciência de Matias, onde “se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam.” Sílvio e Sílvia perambulam pelas idéias, memórias, vozes, sensações esvaídas, medos gostos; ouvem-se cada vez mais perto, cruzam aulas de teologia, de filosofia, de liturgia, sentem a mão do filósofo Spinoza... Volta o cônego à mesa de trabalho, relê o que escreveu, pega a pena molhada e decide anexar o adjetivo ao substantivo. Enfim, Sílvio e Sílvia se encontram, “ofegantes de canseira, mas remidos com a paga”; abraçam-se e regressam da inconsciência para a consciência. Seguem juntos no sermão que Matias posteriormente irá pregar.

